

Ana Vitória, em seu novo trabalho "Afinal o que há por trás da coisa corporal?", realiza uma trajetória inspirada em seu diálogo com Lygia Clark, produzindo uma dimensão estética em que forma e matéria se tornam operadores para a desconstrução do lugar comum.

No desenvolvimento de seu experimento, podemos acompanhar provocações trazidas por Lygia ao pensamento contemporâneo. Conduzido a partir do ovo, - idéia carregada de afecções onde o mundo do sem forma surge como objeto tomado em sua concretude iluminada -, o mais recente trabalho de Ana Vitória nos convida a permitir que o reencontro, como experiência intensiva, viabilize o transformar das formas.

A disposição da cena entre espectador e artista problematiza a perspectiva. Esta proposição possibilita que o campo perceptivo aumente pela tridimensionalidade, na medida em que a obra, ao multiplicar sua potencia de deslocamento, consegue se estender no espaço entre de forma a ampliar, para o observador, a diversidade de modos de captar a partir de diferentes modos de se afetar. Ao permitir que o espectador faça parte da obra, Ana Vitória não traça um destino fechado por onde a obra deva seguir, oferecendo-nos a chance de retirar as barreiras que normalmente delimitam o início e o final de uma obra de arte.

Com a questão proposta no título, a artista busca elaborar um campo vibratório onde dispersão-forma-dispersão sejam entrevistas. Entrever no sentido de experienciar o entre, o intervalo, colocando em suspenso o já codificado, revelando que a forma é o devir das forças. Por que o corpo? É justo na dimensão das forças, do campo intensivo, sensível, campo que antecede as formas, pré-individual, que é evocada, ao nomear seu trabalho, a idéia de Corpo sem Órgãos (CsO) inscrita no ovo. Retirar o olhar do campo já representado só se faz possível na produção de um CsO como nos dizem Deleuze e Guattari em "Como criar para si um Corpo sem Órgãos", campo fluido, viabilizador das deformações necessárias para a captação do novo.

Passamos então, de uma oposição estática da forma e da matéria a uma zona de dimensão média, energética, molecular, que permite pensar uma matéria energética em movimento, portadora de singularidade ou hecceidade, que são formas implícitas que se combinam com processos de deformações.

A arte realizada neste trabalho de Ana consiste em seguir os fluxos da matéria, consiste em ofertar à sensação a possibilidade de captar as forças invisíveis, mostrar o momento de metamorfose. Ao buscar no corpo a marca do tempo, a artista revela que a eternidade, como matéria em movimento e não como vazio transcendente, aponta para a vida como obra de arte, massa sensorial produto de experimentação, onde memória e desejo compõem as atualizações existenciais.

HÉLIA BORGES

CONVERSA COM LYGIA

No ano de 2008, comecei a esboçar e a provocar um encontro mais direto com uma das artistas que tenho não só uma admiração profunda, como também, uma forte identificação com o seu processo de trabalho.

Lygia Clark sempre se fazia presente na minha trajetória e confesso que nem sempre travávamos uma conversa amigável: muitas vezes discutíamos horas e horas a fio, entrávamos noites discordando sobre determinado tema. A falta de sua presença física, do seu olhar perspicaz, da sua coragem de falar o que pensava? só me inquietava mais...

Entendi um dia, que daquela forma, Lygia me provocava todo o tempo à concretizar minhas falas fazendo a idéia escorrer pelos meus músculos e poros.

Discutíamos como duas coreógrafas que escutavam e viam no caminho do corpo a resposta para muitas perguntas e saídas de alguns labirintos.

Não sei exatamente como, nem em que ano me deparei com ela, mas a verdade é que desde os meus anos universitários de 198... já discutíamos os efeitos e bebíamos da vanguarda Neo-concretista, éramos jovens estudantes e achávamos mais jovem ainda suas provocações!

Mas sei que foi desde então que as artes plásticas e suas tridimensionalidades tão próximas a do universo da dança passaram a me interessar e, desta maneira, fui buscada e busquei ajeitar o meu caminho para encontrar e dialogar com esta disciplina.

Coincidência ou não, estou envolvida nesta teia há 15 anos e é assim que comemorarei, como debutante, dando ouvidos pela pele e sentidos, às provocações de uma mestra; Mais fundo, mais fundo, mais... seu grito ainda ecoa dentro de mim!

Tenho claro, no entanto, que o que faz nos mantermos tanto tempo conversando é o fato de me identificar diretamente com seu processo inquieto de busca e construção artística. Pois, sempre vi meus trabalhos como fraturas e cicatrizes expostas e confesso que usei de muitos artifícios para torná-las abstratas o suficiente para que tocassem, mas, sobretudo, encantassem meus interlocutores.

Quando compreendi, no discurso dessa artista, como ela também se expunha tão abertamente ao seu processo e, por conseguinte, no caminho do outro, passei a entendê-la mais e vislumbrar a sua grande generosidade, que só se reconhece nos Grandes!

Tive uma vantagem nesse encontro que foi o fato de antes de conhecer Lygia como artista plástica, reconhecê-la como uma investigadora, pesquisadora e exploradora do movimento e do corpo; aprendi a admirá-la como a uma coreógrafa, aquela que orquestra suas pesquisas, idéias e questões, no atravessamento do corpo, no espaço e no tempo.

Suas matérias primas sempre foram as clássicas e por o serem, nos remete à nossa presentificação. Como falar do orgânico, da memória, da história pessoal e não tocar na terra, na água, no feto, no sexo ...? Como falar da existência sem falar de espaço X tempo, cheio X vazio, dentro X fora, leve X pesado, afeto X desafeto, dor e alegria? FERRAMENTAS BÁSICAS A TODOS OS ARTISTAS!!!! Ou da absurdidade do criador, como tão bem nos sussura Albert Camus.

Estou absolutamente convencida de que, "A idéia de uma arte separada de seu criador não se acha apenas fora de moda. É falsa. Por oposição ao artista, observa-se que nunca nenhum filósofo fez sistemas. Mas isso é verdadeiro na mesma proporção em que nunca nenhum artista exprimiu mais que uma só coisa sob diferentes faces. O artista, pela mesma razão que o pensador, se compromete e se transforma na sua obra. Essa conexão sugere o mais importante dos problemas estéticos." (A. Camus - *O Mito de Sísifo*)

Este processo que por ora se chama, "Afinal, o que há por trás da coisa corporal?" cujo título foi autorizado a ser replicado nesta Instalação Performática pela sua autora Suely Rolnik e retirado de um instigante texto seu, é um bordado encontro de afetos/idéias/pensadores/colaboradores/práticas, com os quais divido parte significativa dos meus dias, orientado pela inscrição na entrada do Templo de Delfos; "Conhece-te a ti mesmo!" – a origem divina para a auto-realização e máxima na minha obra e vida! E na mesma proporção a inspiração constante de outros Mestre, como Angel Vianna e Kasuo Ohno, me ajudando a fazer muitas perguntas e a encontrar algumas respostas sobre o meu percurso artístico.

Neste caminho, estudo há algum tempo a idéia de Corpo sem Órgãos, proposta por Antonin Artaud no teatro para falar do DESEJO, e que Deleuze e Guattari retomaram e desenvolveram na filosofia. Esta temática, também, é vista tão claramente em Lygia Clark em seu processo experimental nas artes-plásticas, e em toda evolução do seu trabalho, que venho sendo cada vez mais encorajada a revelar na minha dança.

"A perda da forma tanto objetiva quanto subjetiva é uma experiência freqüente na dança contemporânea", nos lembra Laurence Louppe.

Digo que é para além da forma que podemos (nos) revelar; vísceras, músculos, fluxos, fibras, fâscias, pele, desejos, tecidos e os nossos nós, caminhando sozinhos para o coletivo encontro com todo o nosso tônus tônico, uma intimidade que só a prática é capaz de alcançar e tocar concretamente a cada novo passo dado, a cada respiração, em cada inspiração e intenção. Nossa poética!

Eu já observava calada e admirava meu corpo a partir dos meus excrementos, e nunca imaginei que um dia poderia expressá-los. O meu encontro com Lygia foi determinante para essa tomada de coragem. Ela me provocou a pensar como minha arte pode ser curativa e transformadora!

Rio de janeiro, verão de 2010.
ANA VITÓRIA

INSTALAÇÃO PERFORMÁTICA DE ANA VITÓRIA

Criação, Instalação e Performance **ANA VITÓRIA**
Vídeo Dança **ANA VITÓRIA e RODRIGO GODIM**
Ambientação **SERGIO MARIMBA**
Desenho de Luz **MILTON GIGLIO**
Roupa Band-Aid **CLAUDIA DINIZ**
Desenho de Som **MICHAEL SEXAUER**
Organização da Trilha Sonora **ANA VITÓRIA**
(com Smetak, Luiz Gonzaga, Armand Amar e Bizet)
Realização do Projeto **SUZY MUNIZ PRODUÇÕES**
Coordenação **SUZY MUNIZ**
Design Gráfico e Programação Visual **VANDERLEI LOPES**
Consultoria Teatral **SUZANA SALDANHA**
Visagismo **ROSE VERGOSA**
Fotografia **RENATO MANGOLIN**
Edição e Finalização do Vídeo Dança **VICTOR ROCHA**
Confecção Roupa Band-Aid **LENNY**
Assessoria de Comunicação **MEIO E IMAGEM**
Produção Executiva **LUCAS LINS e RODRIGO ANDRADE**
Produção Ana Vitória Dança Contemporânea **NECO FX**

FUNDAÇÃO VALE

Diretor-presidente **RICARDO PIQUET**
Gerente Geral de Desenvolvimento Humano
JOAQUIM GONÇALVES
Gerente de Cultura **ANDREIA GAMA**
Analista de Cultura **THIAGO SALDANHA**

AGRADECIMENTOS

À Minha Mãe Edvalda Bomfim

Amin Murad, Angel Vianna, Adriana Rattes, Aninha Franco, Alessandra Clark, Andrea Chiessorin, Associação Cultural "O Mundo de Lygia Clark", Eva Doris, Glória Maria, Helena Lustosa, Ilka Nazaré, Jom Tob Azulay, Karen Brustolin, Kika Freire, Lúcia Rodrigues, Lenny Niemeyer, Maurício Agnelli, Maria Alves de Lima, Marcelle Phton, Suely Rolnik, Suzy Murniz e Silvia Soter, Claudia Saldanha e equipe EAV, Andréia Gama, Ronaldo Barbosa.

PROJETO CONTEMPLADO NOS EDITAIS DA SECRETARIA ESTADUAL DE CULTURA DO RIO DE JANEIRO E CORREIOS 2010.

* título autorizado pela autora Suely Rolnik do seu texto "Afinal o que há por trás da coisa corporal?", publicado no catálogo Lygia Clark, da obra ao acontecimento. Somos o molde - a você cabe o sopra (editado em colaboração com Corinne Diserens para acompanhar a exposição no Musée de Beaux Arts de Nantes e na Pinacoteca do Estado de São Paulo).

www.anavitoria.com.br



INTRODUÇÃO



PRODUÇÃO



APÓC



REALIZAÇÃO

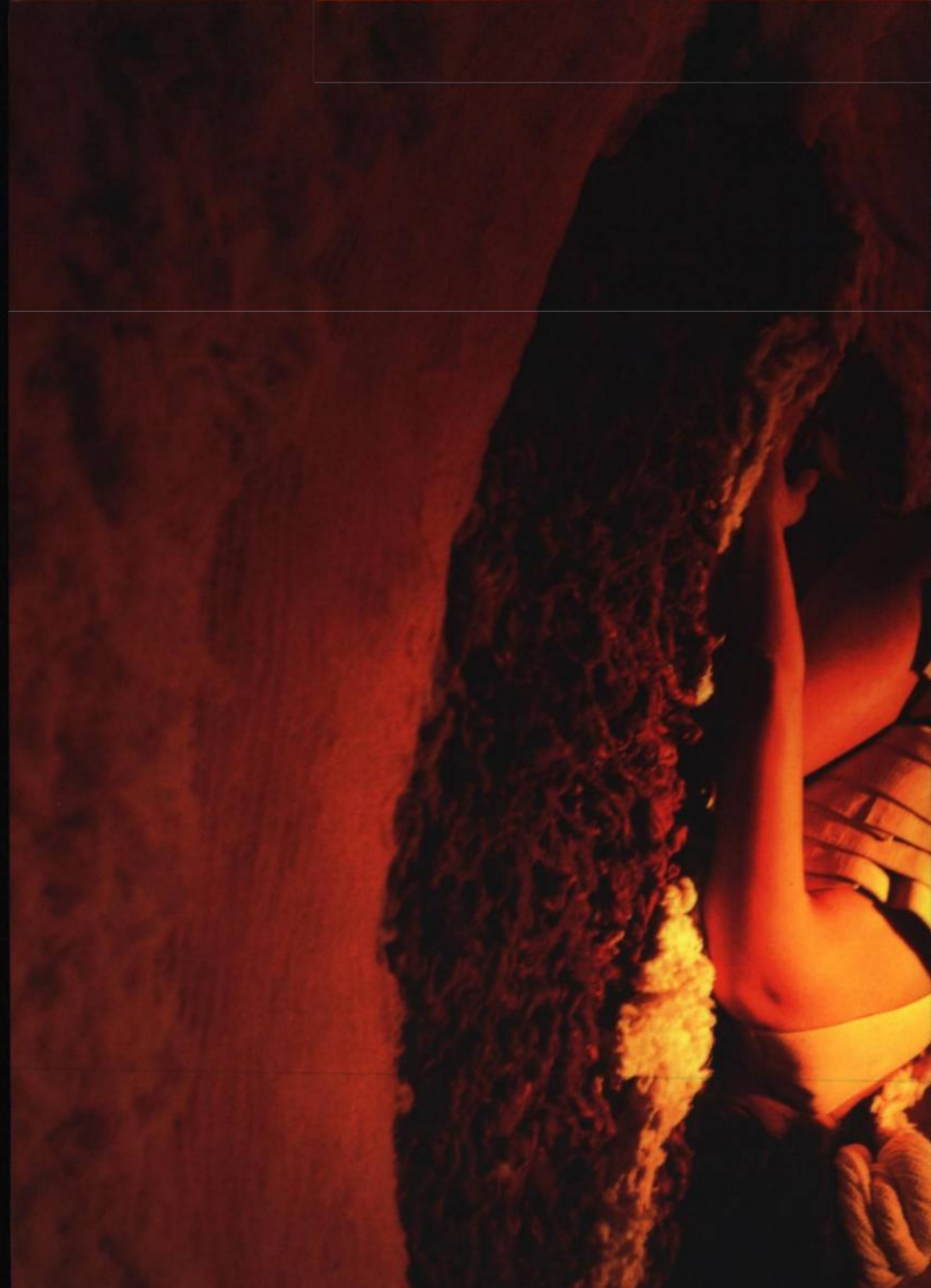
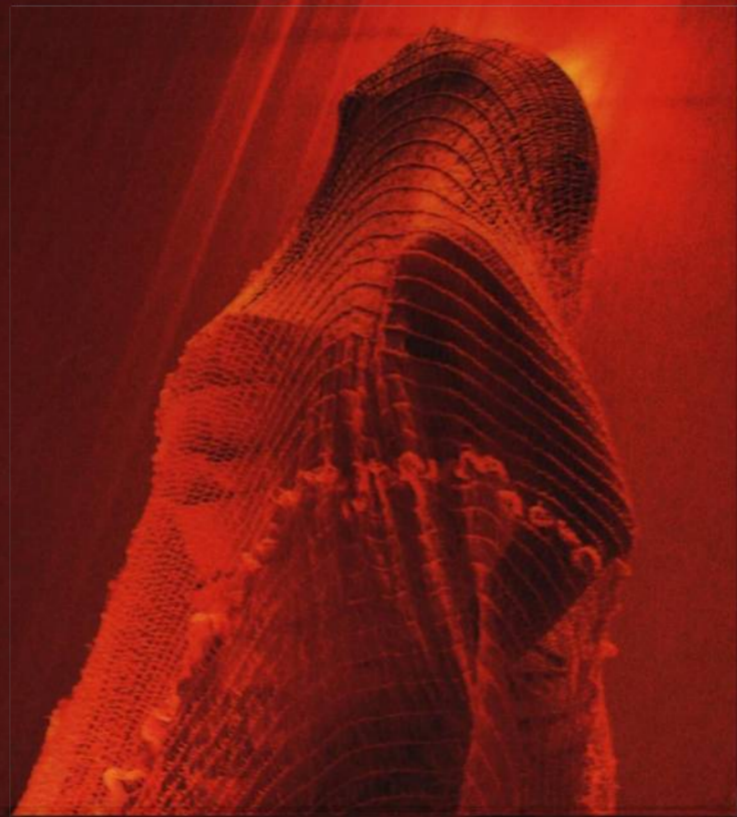




Ministério da Cultura e Vale apresentam:

AFINAL, O QUE HÁ POR TRÁS DA COISA CORPORAL?

INSTALAÇÃO PERFORMÁTICA DE ANA VITÓRIA



No recente trabalho de Ana Vitória, onde ela amplia o entendimento sobre a presença corpórea no mundo através das relações de sua sensibilidade com o raciocínio plástico de Lygia Clark, vemos um corpo – o seu – que se esmera no detalhamento sutil de movimentos, só por ela definidos, que revelam a maestria e a autenticidade do seu fazer.

Em 3 momentos do espetáculo ela impregna pontualmente o lugar com sua eficácia poética:

- Ao arrastar-se do círculo à cadeira: só Ana Vitória sabe realizar aquele deslocamento, no desdobrar miúdo e tenso da musculatura de pernas e braços ritmados pela sua paixão pelo dançar.
- Ao fazer a cadeira girar, num esforço de quase girar o mundo.
- Ao encerrar sua presença em cena, no desalinho leve e suave de braços que se elevam e desfazem a matéria.

Somente sua expressão os permite existir: estes 3 instantes inconfundíveis de sua fala.

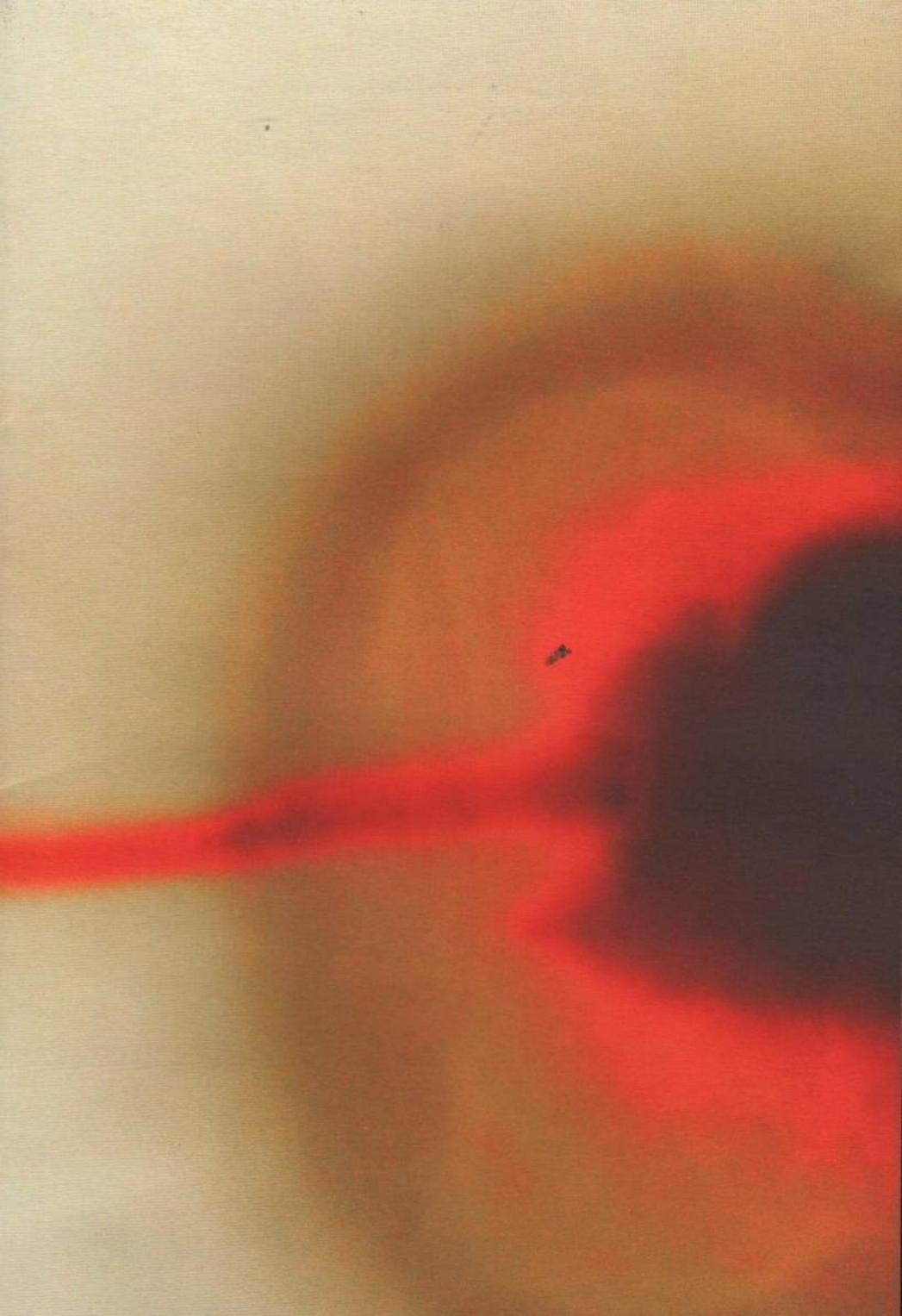
Tudo mais, que reflete suas escolhas e que são tão bem idealizados e realizados pelos atributos do som, da luz e dos objetos plásticos, se mostra como um vasto campo de circunstâncias que lá estão para acolher o único e o inusitado: o vigor adestrado do corpo que, físico, torna-se símbolo, logo linguagem.

Iole de Freitas
Artista Plástica
Rio, 09 de abril de 2010

“A Vale valoriza o patrimônio artístico e histórico e as manifestações culturais das comunidades das quais faz parte, e por isso apoia uma série de projetos de preservação e criação de bens culturais. Somente em 2010, a empresa esteve presente em ações desenvolvidas em cinco estados brasileiros.

No Rio de Janeiro, apoiou a restauração de um dos principais símbolos do Brasil, o monumento ao Cristo Redentor, e se comprometeu ainda com a manutenção e a conservação da estátua e da área do platô pelos próximos cinco anos. Em Minas Gerais, estado onde começou suas atividades, inaugurou o Memorial Minas Gerais – Vale, em Belo Horizonte, que apresenta aos visitantes a história e os costumes mineiros de forma diferente e interativa.

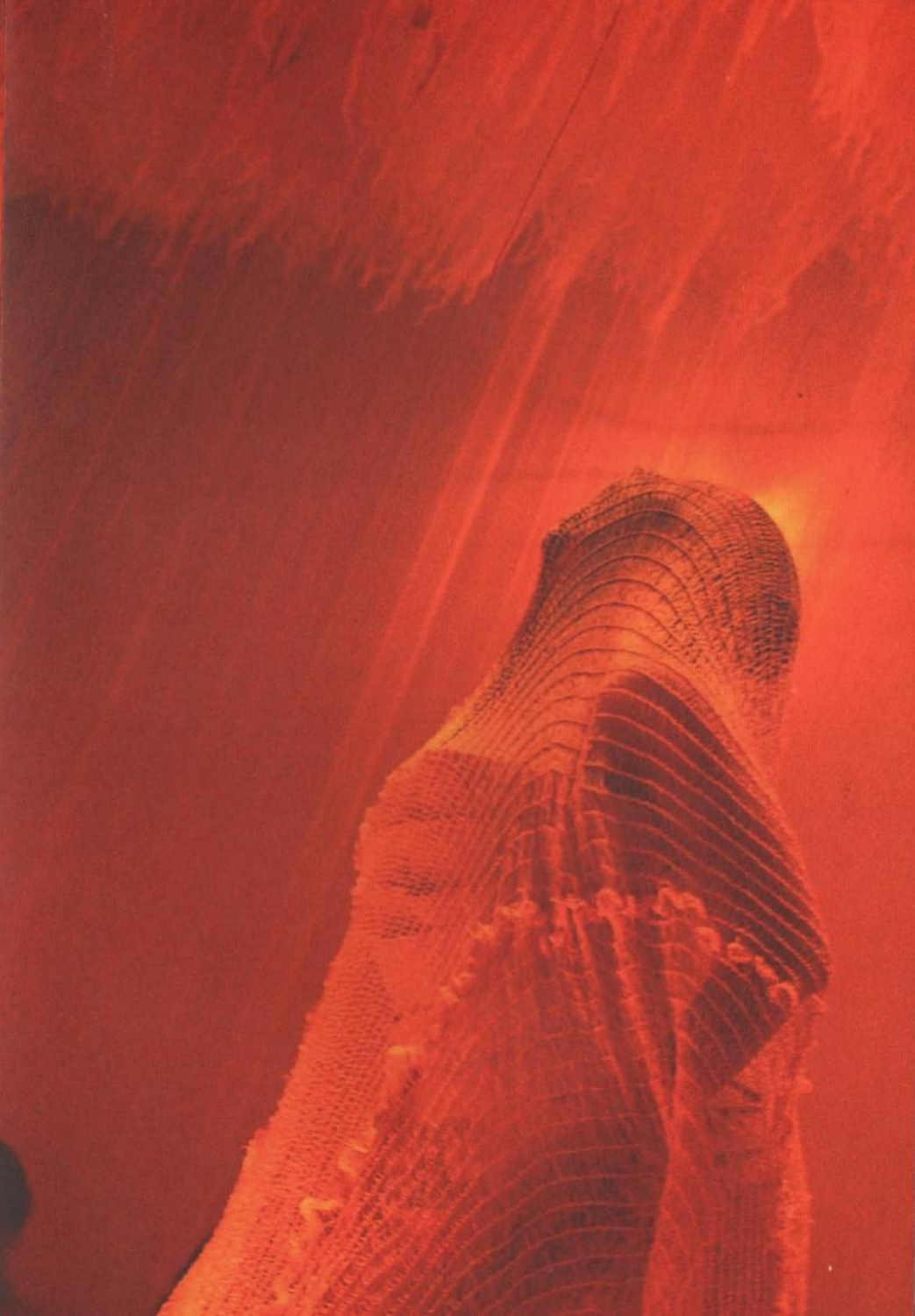
A empresa mantém ainda o Museu Vale, no Espírito Santo, que leva o melhor da arte contemporânea a Vila Velha, e apoia iniciativas como a Feira do Livro de São Luís, no Maranhão, além de grandes manifestações populares como o Círio de Nazaré, que todos os anos toma as ruas de Belém, no Pará.”























O
MUNDO
É SOM

Escreva na pedra
uma palavra sobre
sua vivência

GRÃO
DE FETO